

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CLAUDIA CARDINALE!
16 de Abril de 2026

FITZCARRALDO / 1982

(*Fitzcarraldo*)

um filme de Werner Herzog

Realização e Argumento: Werner Herzog / **Director de Fotografia:** Thomas Mauch / **Direcção Artística:** Henning von Gierke e Ulrich Bergfelder / **Montagem:** Beate Mainka-Jellinghaus / **Música:** Popol Vuh, gravações originais de Enrico Caruso e excertos de obras de Verdi, Leoncavallo, Meyerbeer, Massenet, Puccini, Bellini e Richard Strauss / **Encenação da ópera Ernani de Verdi:** Werner Schroeter / **Interpretação:** Klaus Kinski (Brian Sweeney Fitzgerald, aliás Fitzcarraldo), Claudia Cardinale (Molly), José Lewgoy (Don Aquilino), Miguel Angel Fuentes (Cholo), Paul Hittscher (Paul), Enrico Bohorquez (Huerequeque), Grande Othelo (o chefe da estação), Jean-Claude Dreyfuss (Sarah Bernhardt), Costante Moret (Enrico Caruso), índios Ashininka Campas, Campas e Machiguengas.

Produção: Werner Herzog/Pro-ject Film Produktion/ZDF / **Produtores:** Werner Herzog e Lucki Stipetic / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, legendada em português, 157 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinemas Londres e Charlot (Porto) a 6 de Janeiro de 1983.

"I live my life or I end my life with this project"

Werner Herzog, durante a rodagem

Não deverá haver muitos filmes na história do cinema que tenham tido um "parto" tão difícil e tão recheado de atribulações como **Fitzcarraldo**. De facto, desde a pré-produção até ao final da rodagem os percalços foram mais que muitos, incluindo mesmo alguns acontecimentos insólitos e quase inacreditáveis que tornaram o processo de realização do filme num empreendimento hercúleo e perfeitamente digno do projecto da personagem principal, Fitzcarraldo. Antes de enunciarmos alguns desses percalços, vejamos como Herzog se lembrou de Brian Sweeney Fitzgerald (Fitzcarraldo para os nativos) e lhe deu um projecto "louco": levar a "grande ópera" até aos confins da Amazónia.

Conta Herzog: *"Existem dois motivos, há dois pais para esta película. Um remonta já bastante atrás, antes dos trabalhos de rodagem de **Kaspar Hauser**. Nessa época buscava cenários, uma costa marítima recortada, e durante um inverno percorri a costa da Bretanha. Pela noite cheguei a um lugar chamado Carnac, na costa ocidental bretã, e encontrei-me subitamente num gigantesco jardim de menires e dólmens, enormes pedras com 12 metros de altura e 150 toneladas de peso, estendidas durante quilómetros em filas paralelas por cima das colinas e indo até muito dentro da terra firme. Pensava que estava a sonhar, que não via bem. Então comprei um pequeno guia turístico e li que mesmo hoje em dia a ciência se interroga como é que há 5 000 ou 10 000 anos, com ferramentas da Idade da Pedra, se puderam transportar essas imponentes cargas e*

sobretudo como puderam levantar-se, pois encontram-se encaixadas no chão com a parte mais grossa para cima". Nascia aqui a obsessão de Herzog pela tarefa de erguer e arrastar grandes pesos utilizando apenas instrumentos rudimentares. No entanto, essa obsessão só se corporizaria num projecto de filme alguns anos depois, quando apareceu o "segundo pai". Voltemos a Herzog: "O segundo pai é um amigo meu, Josef Koechlin von Stein, que uma vez, quando me encontrava em dificuldades financeiras com **Aguirre**, me auxiliou com 50 000 dólares, com que pude então terminar o filme. Um dia veio a Munique e propôs-me ir de imediato para o Peru fazer um filme. Disse-lhe que não queria fazer nenhum filme desde que não tivesse bom material. Contou-me a história de um barão da borracha, chamado Fitzcarraldo, que no fim de contas era uma história banal sobre alguém que tem um exército privado de 5 000 homens e terrenos quase tão grandes como a Bélgica. Disse-lhe que nunca faria um filme sobre isso. Então ele contou-me que uma vez Fitzcarraldo desmontou um barco e que o levou de um rio para outro, através da floresta. De repente tudo se juntou, fazendo uma história. Só que não seria uma história sobre a borracha mas sobre uma grande ópera na selva". As citações foram longas mas parecem importantes para se perceber o que mais conta para Herzog: personagens *bigger than life*, empreendimentos desmesurados, autênticos "desafios aos deuses", neste caso também às leis da gravidade (no filme o barco não é desmontado mas levado inteiro de um rio para o outro), e ainda a paixão pela arte (para Herzog mais importante do que a vida, como atesta a frase que serve de epígrafe a este texto), encarada como a resposta do Homem a Deus, e que leva Fitzcarraldo a querer levar até à imponência da Amazónia a imponência da voz de Caruso, das óperas de Verdi, etc.

Resumindo, aquilo que mais atraiu Herzog em **Fitzcarraldo** foi exactamente a desmesura insensata do empreendimento. O mais importante não era simplesmente filmar a epopeia de Fitzcarraldo mas vivê-la, e por isso mesmo Herzog recusou sempre qualquer facilidade: para as cenas mais complicadas com o barco (sobretudo a sua elevação para terra apenas com roldanas e alavancas artesanais) muita gente tentou convencê-lo a dar um salto até Hollywood e pagar a uma equipa de efeitos especiais, que lhe resolveria o problema de maneira rápida, simples e económica, mas Herzog insistiu sempre que se fosse assim, o filme não fazia sentido.

O que Herzog talvez não imaginasse era que o empreendimento fosse *tão* desmesurado e lhe desse tantos problemas. Primeiro, com os actores: Jack Nicholson mostrou-se interessado, de início, no papel de Fitzcarraldo, mas o salário que cobraria levaria quase metade do orçamento total do filme. Depois a escolha recaiu em Warren Oates, que viria a desistir desencorajado pela ideia de passar três meses no meio da Amazónia longe da família e dos amigos. Finalmente a rodagem arrancou com Jason Robards como Fitzcarraldo e Mick Jagger compondo uma espécie de seu *sidekick*. No entanto, e já com cerca de 40% do filme completado, Robards caiu doente com disenteria e teve que ser evacuado para os Estados Unidos. Atraso nas filmagens e nova baixa: Mick Jagger tinha compromissos com os Rolling Stones e a nova data para o arranque das filmagens obrigou-o a cancelar a sua ligação ao filme, para desgosto de Herzog (*"the biggest loss in my career"*, disse). Era preciso começar tudo de novo e Herzog acabou por chamar o seu Aguirre de dez anos antes, Klaus Kinski, para o papel de Fitzcarraldo, ao mesmo tempo que eliminava a personagem pensada para Mick Jagger. Mas se estes contratemplos se podem considerar "corriqueiros" na vida de um realizador de cinema outros houve bem mais "surreais": na fase de pré-produção, quando a equipa procurava figurantes índios, acabou por provocar um conflito inter-tribal entre os índios Aguaruna, divididos em duas facções rivais, uma a favor da participação no filme, outra contra. Começaram então a correr boatos, propalados pela imprensa mais sensacionalista, que Herzog estava a prender e a matar nativos que se opunham à sua presença, de tal forma que a Amnistia Internacional foi obrigada a intervir, inocentando o realizador de tão estranhas acusações. Para além disso, Herzog enfrentou ainda um incêndio que lhe destruiu quase todo o material de filmagem, a queda de uma avioneta que levava mantimentos para a equipa, vários índios mortos durante a rodagem e, para culminar, por pouco

não morreu esmagado quando caiu à água por entre os dois enormes barcos que tinha à disposição para o filme.

Depois de tudo isto, pergunta-se: o filme foi afectado, em termos de produto final, por tanta coisa e tanto percalço? Poder-se-ia responder que, para o bem e para o mal, não. Para o mal, porque o filme não deixa transparecer de forma evidente a demencialidade que se esperaria encontrar numa tal história. Temos sempre a impressão que foi tudo mais fácil para Fitzcarraldo do que para Herzog, e mesmo a sequência capital do filme (e a mais demorada), a do transporte do barco por terra, realizada sem trucagens, não adquire nunca a marca da insensatez que é suposta constituir. Mas, como já se disse atrás, o mais importante para Herzog era viver essa experiência, e nesse aspecto o filme acaba por ser pouco mais do que o registo e o pretexto dessa aventura, como se "o melhor" de tudo aquilo tivesse sido guardado por Herzog para ele próprio. A verdadeira dimensão da "demencialidade" de Herzog e Fitzcarraldo talvez a tenhamos que procurar em **Burden of Dreams**, o documentário que Les Blank realizou sobre a rodagem do filme.

Por outro lado ("para o bem"), o filme apresenta um equilíbrio formal talvez inesperado depois de uma gestação tão complicada. Vendo as coisas por este prisma, a escassez de efeitos "barrocos" acaba por tornar significativos os poucos momentos em que Herzog salienta a ideia de "excesso" inerente aos factos que narra. É notável a maneira como o realizador "isola" os jeitos cabotinos de Kinski-Fitzcarraldo, por exemplo quando, ao som do "divino Caruso", estica os braços no ar e arregala os olhos como só ele sabia fazer, sem que haja qualquer movimento de câmara ou afim a sublinhar o comportamento da personagem. Essa *secura* formal acaba por ser dos aspectos mais interessantes do filme, como se Herzog quisesse filmar de maneira naturalista uma personagem extremamente "artificial", reforçando assim esse mesmo artificialismo. Afinal de contas, se há uma personagem "operática" em **Fitzcarraldo** é o próprio Fitzcarraldo, escolhido pelo "Deus Caruso" (a sequência inicial durante o "Ernani" de Verdi, quando Kinski diz "*He pointed at me!*") para levar a ópera, quase literalmente, "*até ao fim do mundo*". Fitzcarraldo, conquistador do inútil? Sim, mas conquistador, *quand même*.

Luís Miguel Oliveira